

'EU QUERO ESTUDAR GUITARRA': UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO INSTRUMENTAL DOS LICENCIANDOS

*Teresa Mateiro**

RESUMO: Poderíamos pensar em formar professores de educação musical com especialidade em rock, música brasileira, música latino-americana ou música clássica ocidental, por exemplo? Este artigo debate a formação musical dos estudantes, exemplificando como se desenvolveram as aulas de Prática de Conjunto do curso de Licenciatura da Universidade do Estado de Santa Catarina. Destaca as preferências musicais dos estudantes e sublinha as expectativas que os mesmos têm em relação ao curso. São apresentados dados de observações de aulas, entrevistas realizadas com os estudantes e questionários. Concluímos confirmando a importância da prática instrumental e vocal na formação musical dos licenciandos questionando que estilos e instrumentos musicais deveriam estar mais presentes nos cursos de Licenciatura em Música. Da mesma forma, esperamos contribuir com as reformas curriculares dos cursos de formação de professores de educação musical.

PALAVRAS-CHAVE: Formação musical. Licenciatura. Reforma curricular.

ABSTRACT: Would it be able to think of education on the music teacher course with specialty in for example rock, Brazilian music, Latin American music or western classical music? This paper is a study of the instrumental education exemplified by the classes of *Prática de Conjunto* (Ensemble Playing) at the Music Teaching Course at the State University of Santa Catarina. It presents data concerning the musical preferences of the music teacher students and underlines their expectations in relation to the course. The research was carried out over one year in the form of interviews, observations and questionnaires. The conclusion confirms the importance of instrumental and vocal practice of the students, suggesting that more musical instruments and genres should be accessible on the Music Licentiate Program. It is a study that aims to contribute to the debate about the education of music teachers and, in consequence, support the reforms of Music Licentiate Programs.

* Doutora em Educação Musical pela *Universidad del País Vasco*, Espanha. Professora efetiva do Departamento de Música do Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Foi Coordenadora dos Cursos de Música durante o biênio 2003-2005. Foi Diretora Regional (2001-2003) e Tesoureira (2003-2005) da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Como pesquisadora tem coordenado e participado de projetos na área de formação de professores de educação musical. E-mail: teresamateiro@gmail.com

KEYWORDS: Music education. Initial education. Curricular reform.

Investigando a partir do currículo

O projeto de pesquisa denominado “Educação musical e formação inicial: investigando a partir do currículo¹” do qual este trabalho é resultante, surgiu com o intuito de acompanhar e avaliar o programa curricular do Curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) implementado em março de 2005. A coleta de dados foi realizada durante o segundo semestre do referido ano e o primeiro semestre de 2006. As informações foram obtidas através de entrevistas focais com os estudantes, entrevistas com professores, observações não participantes de algumas aulas das diversas disciplinas do curso, questionários, portfólios e documentos oficiais fornecidos pela instituição. O material coletado foi interpretado a partir de cinco categorias de análise: dados acerca da instituição, sobre os estudantes e os professores, dados acerca da concepção de ensino e aprendizagem e sobre o programa educativo e acadêmico.

Pesquisas semelhantes foram desenvolvidas em mais seis universidades (ALFA, 2007): *Universidad de Granada* e *Universidad Publica de Navarra* (Espanha), *Lund University* (Suécia), Escola Superior de Educação de Lisboa (Portugal), *Universidad Autónoma de Yucatán* (México) e *Universidad Nacional de La Plata* (Argentina). O projeto que envolve tais instituições superiores de ensino, intitulado “Avaliação dos Programas Curriculares de Formação de Professores de Educação Musical” está inserido no Programa ALFA e tem como principal objetivo cooperar no melhoramento da gestão institucional e acadêmica.

Na mesma linha de investigação, encontramos estudos realizados também no Brasil. Cereser (2003) realizou um estudo com quatorze licenciandos de três universidades federais do Rio Grande do Sul para investigar a adequação da formação universitária em relação às demandas pedagógico-musicais na atuação do professor. Louro (2006a, 2006b) estudou a construção das identidades profissionais dos estudantes, tendo como ponto de partida a reestruturação do currículo do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Santa Maria.

¹ Pesquisa financiada pela PROPG/UDESC através do Programa de Apoio à Pesquisa (PAP), CNPq através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UDESC) e Comissão Européia através do Programa de Cooperação Acadêmica entre a União Européia e América Latina (ALFA). Participaram deste projeto, no segundo semestre de 2005, a professora Daniela Dotto Machado, como pesquisadora voluntária e os acadêmicos Juliana Lhullier Borghetti, Ramon Franco Sezerino e Person Francisco Schlickmann, como bolsistas. No primeiro semestre de 2006 participaram os acadêmicos Juliana Lhullier Borghetti, Ramon Franco Sezerino e Romy Martinez.

Levando em conta o amplo campo de investigação desta pesquisa, e a fim de analisar mais profundamente uma área específica, este estudo delimitou-se a refletir sobre a formação musical dos licenciandos, exemplificando como se desenvolveram as aulas de Prática de Conjunto, destacando as preferências musicais dos estudantes e sublinhando as expectativas que os estudantes têm em relação ao curso. Para tanto, nos utilizamos de dados extraídos das transcrições das entrevistas com os estudantes, das gravações das aulas e dos questionários. Dados complementares a este artigo podem ser encontrados em Sezerino; Mateiro (2006), Martinez; Mateiro (2006) e Borghetti; Mateiro (2006).

A Prática de Conjunto

O programa curricular do curso de Licenciatura em Música da UDESC, aprovado em 2004, está estruturado em quatro anos e o regime didático é de créditos semestrais. O total de horas da proposta curricular é de 2.880 horas, sendo 2.280 horas para disciplinas obrigatórias e 600 horas entre as disciplinas eletivas — 390 horas e as atividades complementares — 210 horas. O projeto político pedagógico estabelece as diretrizes pedagógicas do curso, definindo procedimentos científicos, didático-metodológicos e de gestão educacional.

A estrutura curricular foi proposta a partir dos seguintes eixos: a) Conhecimentos dos conteúdos específicos da área de atuação; b) Conhecimentos básicos à compreensão crítica da escola e do contexto sócio-cultural; c) Conhecimentos que compõem a abordagem pedagógica da docência; d) Prática pedagógica; e, e) Estudos independentes.

A disciplina de Prática de Conjunto está inserida no eixo curricular denominado de ‘Grupos Musicais’ pertencente à área dos ‘conteúdos específicos’. Nesse eixo “o aluno cursa Expressão Vocal I e II ou Percussão I e II ou Flauta Doce I e II, de dois créditos cada uma, nas duas primeiras fases, de acordo com sua opção no vestibular. Nas 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª fases cursa a disciplina Prática de Conjunto I, II, III, IV, V e VI, de quatro créditos em cada fase, onde será enfatizado o uso de seu próprio instrumento (trompete, saxofone, contrabaixo, violino, baixo, guitarra, violão, clarinete, piano, voz, etc.) além da possibilidade de incluir, na prática de conjunto a voz, a flauta doce e percussão, disciplinas concomitantes ou já cursadas” (Projeto Político Pedagógico do Curso, p.32, 2004).

Os seis semestres de Prática de Conjunto são obrigatórios. Essas disciplinas têm sido divididas em dois grupos para proporcionar melhor qualidade de ensino, ficando cada turma com o máximo de quinze alunos. Além disso, as dependências do Departamento de Música (DMU) oferecem somente uma sala equipada para a efetivação dessa disciplina. Este também é um dos motivos de não se permitir o número de trinta alunos, cada qual com seu respectivo instrumento, todos ao

mesmo tempo tendo aula na mesma sala. Outra razão é que, independentemente do espaço físico, é muito difícil manter uma disciplina de atividades práticas com um número tão grande de alunos.

Outras disciplinas do curso também seguem o mesmo critério de divisão, como por exemplo, Percepção Musical, Fundamentos da Linguagem Musical, Grupos Musicais e Instrumento. Com essas divisões, conseqüentemente, são criadas mais ‘turmas’ e, por isso, existe a necessidade de dois ou mais professores atuarem na mesma disciplina, ou seja, uma turma que foi dividida em dois grupos pode ter um professor diferente para cada grupo.

No momento da realização deste estudo estava sendo ministrada a disciplina de Prática de Conjunto II para a turma que ingressou em março de 2005. Para melhor contextualizar faremos também algumas referências à Prática de Conjunto I. Na ementa da disciplina temos a seguinte descrição: “Organização, elaboração e execução de arranjos e composições musicais em grupo, a partir das práticas musicais e contextos culturais característicos da turma. Seleção e execução de arranjos e composições musicais em grupo. Desenvolvimento da habilidade de leitura musical em grupo” (Projeto Político Pedagógico do Curso, 2004, p.41).

Já na Prática de Conjunto II, a disciplina prevê:

Prática de leitura de arranjos à primeira vista. Desenvolvimento e adaptação de repertório. Experimentação de elementos básicos em arranjos e composições musicais, tais como motivos, frases, acordes, etc. Audição de peças com diversas formações musicais com ênfase nos elementos estruturais básicos (Projeto Político Pedagógico do Curso, 2004, p.32).

De acordo com o Plano de Ensino, apresentado pelos professores da disciplina, Prática de Conjunto II, o objetivo geral é o desenvolvimento de habilidades musicais do futuro professor através da prática musical em grupo. É importante que os estudantes possam expressar e experimentar, através da prática vocal e/ou instrumental, os conhecimentos musicais prévios e os adquiridos nas demais disciplinas do curso. Como mencionado anteriormente outras disciplinas propõem objetivos semelhantes e complementares.

Dados retirados das observações com registro em vídeo e cruzados com dados das entrevistas focais mostraram que a relação entre a proposta da disciplina e a prática em sala de aula foi bastante satisfatória durante o segundo semestre de 2005. Os estudantes afirmaram que as aulas da turma A de Prática de Conjunto II foram pensadas de forma mais coesa a fim de relacionar o que a ementa da disciplina prevê com os interesses do grupo. Um estudante aponta para o fato da possibilidade de estar em contato com a diversidade de estilos musicais, elogiando a iniciativa e abertura dos professores.

Eu acho que está bem legal nesse semestre, é a Prática de Conjunto mesmo. Eles (referindo-se aos professores da disciplina) deram abertura para os outros estilos de música que a gente gosta, que a gente escuta. Então, a primeira tarefa que foi pedida foi escolher nossas músicas e fazer um arranjo, então, nossa, isso aí... Acho que não vai sair só sertanejo. O resto está saindo. Muito legal, achei isso aí muito legal. Semestre passado não teve, semestre passado foi puramente popular. Então, esse está bem mais variado (C2, Entrevista, 26 de agosto, 2005).

Outro estudante, participante das entrevistas focais, compara a metodologia das aulas de Prática de Conjunto adotada no primeiro e no segundo semestre do curso, completando a idéia exposta no fragmento anterior. Estando muito presente a vontade de tocar e vivenciar música o estudante expressa que não ficou satisfeito com o desenvolvimento das aulas de Prática de Conjunto I.

O professor... eu não sei se ele não estava ligado ainda no qual era o objetivo da disciplina, pois ele passava muitas coisas teóricas. Tipo, tinha uma aula teórica e uma aula prática. Só que não tinha conexão entre as duas, sabe? Nenhuma, assim. Então, a aula prática a gente, tipo, ensaiava em grupo, em casa e tinha que apresentar na aula, então, não era uma prática, né?! (M2, Entrevista, 16 de setembro, 2005).

É importante lembrar que esta disciplina foi criada especificamente para este programa curricular e, por isso, o primeiro semestre de 2005 foi a primeira experiência, tanto para os professores quanto para os alunos. Por ser uma disciplina nova os professores também estão experimentando metodologias e maneiras possíveis de propor atividades. Entretanto, está claro que é uma disciplina de prática instrumental e experimentação. Pressupõe-se que a parte teórica já está sendo vista em outras disciplinas como, por exemplo, Percepção Musical e Fundamentos da Linguagem Musical.

O instrumento musical²

Ao perguntarmos aos estudantes quais eram as expectativas quando iniciaram o Curso de Licenciatura em Música, 22% responderam que desejavam tocar bem um instrumento e 40% queriam aprender a tocar vários instrumentos (Gráfico 1). Essas duas alternativas nos mostram, por um lado, o grupo que

² Alguns destes dados foram apresentados no X Encontro Regional da ABEM – Região Sul.

quer aprimorar os conhecimentos musicais no seu instrumento e, por outro, aqueles que gostariam de aprender a tocar vários instrumentos. Em ambas as escolhas está evidente o desejo de tocar, como também nos depoimentos dados durante as entrevistas. Para ilustrar, selecionamos duas falas:

Eu quero estudar guitarra. Aí eu não, não tinha condição de me mudar pra São Paulo, que é o único lugar que tem curso específico pra isso e não encontrei nenhum outro curso aqui na região... E, como aqui não tinha bacharelado em, no instrumento que eu toco eu acabei optando pela Licenciatura, mas foi a opção que sobrou assim, né, por eliminação (C2, Entrevista, 26 de agosto, 2005).

Eu acabei decidindo por ter visto, também, o currículo, né, que era bem abrangente. Então, eu pensei na Licenciatura como uma ferramenta de, também, como eu falei, né, depois de fazer meu curso eu quero estudar meu instrumento que é teclado. (G2, Entrevista, 26 de agosto, 2005).

Estes fragmentos de texto nos mostram que os estudantes têm como prioridade o estudo do instrumento e a escolha pelo curso de Licenciatura em Música é uma consequência e uma possibilidade de alcançar outros objetivos que não necessariamente o de ser professor de educação musical. Entretanto, boa parte dos licenciandos (52%) dá aulas de instrumento. Frente a essa demanda talvez fosse mais apropriado oferecer um curso de Licenciatura em Instrumento. E, sobre aqueles estudantes que desejam aprender a tocar mais de um instrumento? Acreditam eles que seria mais adequado saber tocar vários instrumentos para atuar como professores de educação musical? Esta questão não foi aprofundada em nosso estudo.

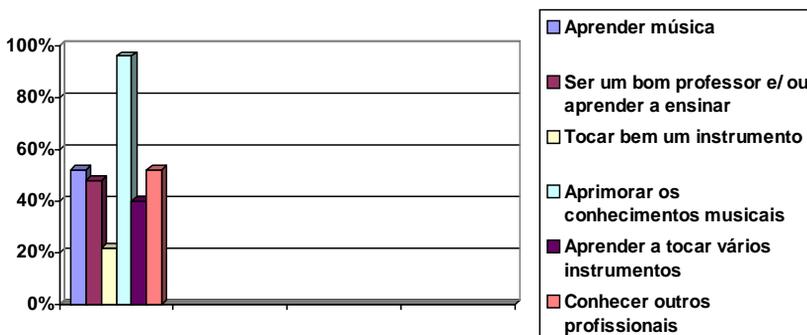


Gráfico 1: Expectativas quanto ao curso (Questão com possibilidade de múltiplas respostas).

Complementando os dados anteriores e conforme apresentado no gráfico 96% dos estudantes declaram desejar aprimorar os conhecimentos musicais, 48% afirmaram querer ser bons professores de música e as opções ‘aprender música’ e ‘conhecer outros profissionais’ foram assinaladas por 51% dos licenciandos.

Outra questão do questionário perguntava sobre o instrumento principal de cada estudante. O violão foi assinalado pela maioria (33%), seguido da voz (30%), do piano (11%) e da flauta doce e percussão, estes com a mesma porcentagem (4%). Porém, a maior parte do grupo (37%) registrou outras opções, onde a guitarra lidera a lista. Outros instrumentos encontrados nas respostas espontâneas foram: flauta transversal, saxofone, bateria, contrabaixo e ‘multinstrumentista’. Apesar da orientação da pergunta no sentido de declarar uma opção principal, foram aceitas escolhas de dois instrumentos principais que surgiram em alguns questionários como violão e guitarra, flauta doce e saxofone, voz e piano. Estas respostas, múltiplas ou não, somaram 37% do total.

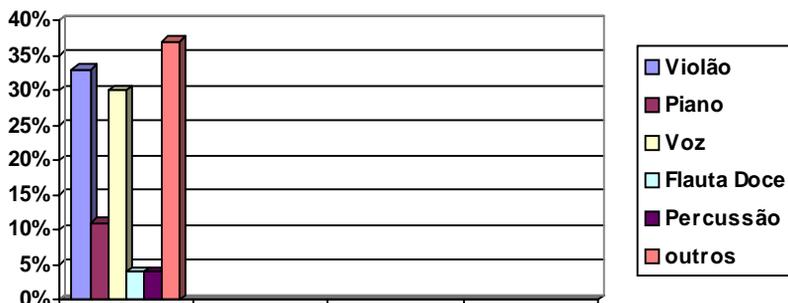


Gráfico 2: Instrumento principal (respostas múltiplas)

Nas disciplinas de Prática de Conjunto a utilização de outros instrumentos musicais, alternativos ou não muito usuais, são também muito comum, além dos citados anteriormente. Na transcrição da aula realizada no dia 10 de agosto de 2005, dois fragmentos são exemplos:

00:47:05 R3 e W1 testam o som de um cabo de vassoura batendo no chão enquanto P1 experimenta alguns objetos que se encontram em cima da mesa. G4 manuseia um galão de água, M2 canta, G2 toca piano, A2 toca violão e A5 toca flauta.

01:07:42 W1 traz um ‘surdo’ para o grupo e toca com P1. Os outros grupos também estão tocando e cantando [a professora avisa que faltam quatro minutos]. P1 ensina R3 a tocar o surdo enquanto W1 pega o violão de R3 e A5 toca flauta.

Vale destacar que na grade curricular do curso de Licenciatura em Música, cinco instrumentos são oferecidos para integrar as disciplinas, os mesmos escolhidos para as alternativas possíveis de resposta na pergunta do questionário (Gráfico 2) – flauta doce, percussão, voz, piano e violão. O acadêmico, durante o curso escolhe o estudo de dois instrumentos que se tornarão pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura. De acordo com os resultados do questionário observamos que a percussão e a flauta doce não são instrumentos do cotidiano e da cultura dos estudantes da UDESC. O mesmo poderíamos dizer acerca do piano, pois apenas 11% dos estudantes assinalaram o piano como principal instrumento. Não seriam estes dados relevantes para uma possível reforma curricular? Por que não oferecer aula de guitarra, por exemplo?

O estilo musical

O *rock and roll* foi o estilo musical predominante dentre as opções acerca das influências musicais na formação dos acadêmicos – 67% assinalaram esse gênero, como podemos observar no gráfico 3. A música erudita foi apontada por 62% dos licenciandos. A música popular brasileira foi assinalada por 59% e aparece em terceiro lugar. Empatados, o *heavy metal* e a música pop ocupam a quarta posição na preferência dos alunos, com 41%. Em quinto lugar, o jazz, com 37%. Por último, estão outros estilos musicais como o sertanejo, *reggae*, maracatu e *gospel*. Todos esses estilos constituem 14% da escolha dos acadêmicos.

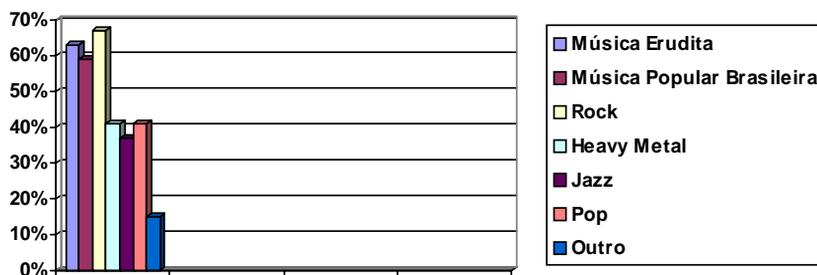


Gráfico 3: Influências musicais (respostas múltiplas)

Durante as aulas, tanto de Prática de Conjunto como de outras disciplinas, gêneros musicais como, por exemplo, músicas folclóricas, música popular brasileira, jazz, música erudita e música pop integraram as atividades propostas pelos professores. Em uma das entrevistas realizadas com o grupo de estudantes

podemos constatar que a aceitação por parte dos acadêmicos a respeito dos repertórios nem sempre ocorre e alguns licenciandos apresentam certas dificuldades em associar o conteúdo das aulas ao repertório sugerido, por conta da falta de familiaridade com determinados estilos musicais:

H1: Tá, mas isso aí ... tá sendo uma eterna briga né (C2 é). Porque a influência que todos os alunos trazem pra dentro da Universidade, não é a..., não é o ideal universitário. (C2 É, é verdade) (MOD Como assim?). Porque desfoca muito né... a gente acaba indo muito pra música erudita mesmo, pra música antiga, por isso que está essa confusão do pessoal querer implantar a música popular pra trabalhar, a música latina mesmo, do Brasil, tudo que tem, então, acontece da gente chegar aqui, já falei, é pra estudar choro, então espera aí, então, vamos estudar choro, porque que a fuga tem que ser agora na outra semana? Vamos entender o choro primeiro, deixa a fuga para o ano que vem. Se nós estamos continuando, se nós podemos ver isso no próximo semestre, então, acho que é uma sobrecarga. Vamos, vamos curtir a coisa (R1 Isso! É, é). Não está curtindo, entendeu? A gente está vindo por obrigação. Aí você acaba engolindo a seco aquilo, e daí você fica, pôxa, como é que eu vou desenvolver isso? (H1, Entrevista, 21 de outubro, 2005).

Este estudante levanta questões pertinentes. Primeiro, perguntamos qual é o ideal universitário quando se trata de definir um repertório musical? Através de suas palavras o repertório predominante nas aulas da universidade é, sem dúvida alguma, a música erudita: “a gente acaba indo muito pra música erudita mesmo”. Por outro lado, 62% dos alunos responderam ao questionário afirmando que a música erudita exerceu grande influência em suas vidas, mesmo antes de ingressarem na universidade. A diferença com o *rock and roll* não foi grande (67%). Onde e quando esses estudantes tiveram contato com a música erudita antes de entrarem para a universidade? Na escola? Em escolas livres de música ou conservatórios? Em casa? Em ambientes sociais? Quais? Na televisão? Através de filmes?

Também está implícito em suas palavras que a música erudita não faz parte da cultura brasileira ou da cultura da América Latina, quando ele diz: “está essa confusão do pessoal querer implantar a música popular pra trabalhar, a música latina mesmo, do Brasil”. Nesta frase, o estudante se refere também ao interesse dos alunos e professores do DMU em implantar um curso superior em música popular, mas que até o momento não foi possível. Esta idéia já foi concretizada, por exemplo, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pioneira no Brasil. Se tomarmos essa iniciativa como referência onde “uma das grandes preocupações do curso é oferecer ao aluno as ferramentas necessárias para

sua atuação profissional, em todas as especialidades possíveis da música popular, seja como instrumentista, arranjador ou produtor musical” (www.comvest.unicamp.br/cursos/musica), poderíamos afirmar que muitos jovens que procuram um curso superior de música na UDESC, têm interesses similares a esses. Acreditamos que esta pode ser uma alternativa futura também para o DMU.

Por fim, o estudante em sua fala, durante a entrevista coletiva, aborda a questão da metodologia adotada no estudo dos estilos musicais nas aulas da disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical. Para ele o tempo dedicado à análise do repertório não é suficiente: *Vamos entender o choro primeiro, deixa a fuga para o ano que vem* – diz ele. O estudante questiona a rapidez da transmissão dos conteúdos, ressaltando a vontade de “curtir” e “desenvolver” com mais qualidade o proposto durante as aulas. Em consequência, sente mais “obrigação” em assistir às aulas do que prazer em estar conhecendo e aprendendo mais sobre os estilos musicais.

A partir dos resultados encontrados respeito a este item pensamos em sugerir que os cursos de música da UDESC, sejam eles para formar professores ou não, poderiam incluir disciplinas específicas para o estudo de determinados estilos musicais, como por exemplo, a música popular brasileira e o *rock and roll*. Poderia ser uma experiência antecipatória à elaboração e implantação do curso superior em música popular.

Avaliando e buscando alternativas

A fim de questionar e refletir sobre a formação inicial do professor de educação musical e as reformas curriculares, apresentamos neste estudo parte de uma pesquisa mais ampla, ressaltando a formação musical e mais especificamente a formação instrumental durante o curso de Licenciatura em Música da UDESC. Selecionamos exemplos de fenômenos particulares deixando para trás uma quantidade de material que poderia ter sido igualmente publicado.

A disciplina de Prática de Conjunto é um componente curricular de grande importância no curso de Licenciatura em Música. Dentre os oito semestres, os estudantes têm durante seis semestres, quatro horas semanais para a prática instrumental. Além disso, são oferecidas como disciplinas obrigatórias as disciplinas de Grupos Musicais I e II (Expressão Vocal ou Flauta Doce ou Percussão) e Instrumento I e II (Piano ou Violão). Ambas têm continuidade como disciplinas eletivas por mais dois semestres.

A formação instrumental e vocal dos estudantes do Curso de Licenciatura em Música da UDESC está, portanto, assim estruturada: a) aulas de Prática de Conjunto onde a ênfase recai sobre o uso de seu próprio instrumento e sobre possibilidades de organizar, elaborar e executar arranjos e composições musicais

em grupo; b) aulas de Expressão Vocal ou Flauta Doce ou Percussão onde o estudante desenvolve habilidades específicas e reflete sobre as possibilidades músico-pedagógicas para os diversos contextos da educação musical; e, c) aulas de Piano ou Violão onde serão enfatizados conhecimentos e habilidades considerados essenciais para um professor de música.

A partir do material apresentado podemos perceber diferentes aspectos quanto à organização e efetivação da disciplina Prática de Conjunto, foco deste trabalho. Um deles está na necessidade de dividir a turma em dois grupos, tornando a aula mais produtiva. Assim, desde o primeiro semestre do curso são oferecidos dois horários para a mesma disciplina e os estudantes escolhem a turma que melhor lhe convém, tendo cada turma quinze vagas. Parece que essa dinâmica, até o momento, está sendo eficiente.

O segundo aspecto recai sobre o professor da disciplina. No primeiro semestre a disciplina foi ministrada por dois professores, um para cada grupo enquanto no segundo semestre de 2005 a Prática de Conjunto II foi ministrada por três professores, ou seja, um para a turma A e dois para a turma B. Não encontramos nos dados coletados justificativa para essa organização, entretanto, levantamos duas hipóteses: o número de aluno por turma, ficando a turma maior com dois professores e o planejamento semestral da carga horária do corpo docente do DMU.

Ainda sobre esse mesmo aspecto é importante dizer que durante os dois semestres de 2005 quatro professores ministraram Prática de Conjunto, sendo três professores efetivos e um professor colaborador. Já em 2006, outros dois professores, agora especialmente contratados, estão responsáveis pelas disciplinas Prática de Conjunto I e III (primeiro semestre) e II e IV (segundo semestre). Este quadro nos remete a afirmar a necessidade de contratação de professor para as referidas disciplinas, pois parece que a carga horária dos professores do DMU não está sendo suficiente para incluir as Práticas de Conjunto.

Em consequência, observamos certa insatisfação por parte dos estudantes. Eles comentaram a diferença de metodologia adotada para cada uma das turmas, visto que eram professores diferentes, isso tanto no primeiro como no segundo semestre de 2005. O resultado foi que as aulas de um grupo foram mais direcionadas a técnicas de composição e arranjo enquanto o outro teve aulas teóricas e práticas sem a devida articulação. Por outro lado, o repertório também foi outro ponto levantado. O professor de um grupo propôs trabalhar com variados estilos enquanto o outro focou as atividades na música popular.

Somando-se a isso, ressaltamos que um estudante destacou que música erudita é a mais aceita nos cursos de música, enquanto a música brasileira ainda ocupa pouco espaço na formação universitária. Sabemos que esta afirmação é relevante e real, entretanto, é hora de se pensar em novas alternativas, pois parece não estar sendo suficiente a inserção de variados estilos musicais nas

diferentes disciplinas oferecidas nos cursos de música da UDESC. Porque não oferecer, então, mais disciplinas específicas para o estudo da música brasileira e latino-americana nos programas curriculares de formação docente? Ou disciplinas sobre *rock*, já que este foi o estilo mais apontado pelo grupo de estudantes? Ou ainda, poderíamos pensar em formar professores com especialidade em *rock*, música brasileira, música latino-americana ou música ocidental, por exemplo?

Conectada a esta questão está o instrumento musical de cada estudante. A guitarra vem em primeiro lugar, entre as respostas espontâneas, como já era de se esperar, uma vez, que o *rock* é o estilo favorito. E entre as disciplinas de instrumento oferecidas no currículo o violão é o mais cotado, pois 33% dos alunos dizem tocar tal instrumento. Constatamos que a percussão e a flauta doce não são instrumentos do cotidiano e da cultura desse grupo de estudantes. Da mesma forma o piano foi assinalado, como instrumento principal, por apenas 11%. Assim, entre os instrumentos oferecidos no curso apenas o violão e a voz estão em concordância com a formação e interesse desses jovens. Poderíamos aqui perguntar: o que levou a comissão da reforma curricular propor tais instrumentos como disciplinas obrigatórias e eletivas? A crença de que esses instrumentos são essenciais na formação de qualquer educador musical? A tradição do estudo desses instrumentos nos cursos de Licenciatura em Música, ao longo dos anos, com a exceção da percussão que não é tão comum? A formação dos professores que compõem o quadro permanente do DMU?

Voltando à disciplina de Prática de Conjunto, citamos o espaço físico e as condições desse espaço para as aulas. O DMU conta com apenas uma sala que seria a mais adequada para tais disciplinas. Considerando que a turma é dividida em dois grupos são necessárias duas salas. Ao mesmo tempo, a falta de isolamento acústico nas salas do Departamento constitui-se, hoje em dia, no maior problema para a efetivação das aulas, não só de Prática de Conjunto ou Percussão como para as demais disciplinas curriculares. As primeiras porque provocam sons que interferem consideravelmente nas segundas.

Por fim, confirmamos a importância da Prática de Conjunto no programa curricular da UDESC e, principalmente, na formação musical dos licenciandos, uma vez que também é comum ouvir que os professores não sabem tocar. Ademais, os dados e as conclusões aqui apresentadas sinalizam certo grau de avaliação referente às disciplinas de Prática de Conjunto, remetendo, a pelo menos, três necessidades básicas: contratação de professores para essa área, planejamento participativo para aulas e espaços físico e condições adequados. Acreditamos, ainda, que a realidade apresentada neste trabalho possa ser similar em outros cursos de licenciatura e que nosso exemplo e reflexões possam contribuir para as reformas curriculares dos cursos de formação de professores de educação musical no Brasil.

Referências

BORGHETTI, J.; MATEIRO, T. Estudantes do Curso de Licenciatura em Música da UDESC. In: II JORNADA DE PESQUISA DO CEART e XVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UDESC, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2006. (CD-ROM)

CERESER, C. M. I. **A formação dos professores de música sob a ótica dos alunos de licenciatura.** 2003. Dissertação. (Mestrado em Música) - UFRGS, Porto Alegre, 2003.

LOURO, A. *Identidades Profissionais em construção: Tematizando as relações entre teorias e práticas.* In: XV ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2006, João Pessoa. **Anais...** Porto Alegre: ABEM, 2006b. (CD-ROM)

LOURO, A. Velhas questões em um novo currículo: Estudando narrativas de licenciandos da UFSM. In: 12º. SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL e IX ENCONTRO REGIONAL DA ABEM – REGIÃO SUL, 2006, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2006a. (CD-ROM)

MARTINEZ, R; MATEIRO, T. A formação vocal dos estudantes do Curso de Licenciatura em Música da UDESC. In: II JORNADA DE PESQUISA DO CEART e XVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UDESC, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2006. Disponível em CD-ROM.

MATEIRO, T. A formação do educador musical em tempos de mudança. In: 12º. SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL e IX ENCONTRO REGIONAL DA ABEM – REGIÃO SUL, 2006, Londrina. **Anais...** Porto Alegre: ABEM, 2006. (CD-ROM)

SEZERINO, R.; MATEIRO, T. A formação instrumental dos estudantes do Curso de Licenciatura em Música da UDESC. In: II JORNADA DE PESQUISA DO CEART e XVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UDESC, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2006. (CD-ROM)

Documentos

- Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UDESC, 2004.
- ALFA – EVEDMUS. Relatório do Grupo de Pesquisa. Material impresso, 2007.